



O leitor criança



Cynthia Costa



RESUMO

A literatura infantil pressupõe o direcionamento a um leitor específico, o leitor criança. No texto, marcas de narratividade apontam para esse direcionamento. Exemplo disso é a conversa com o leitor proposta pela narradora em *O Mistério do Coelho Pensante*, de Clarice Lispector.



ABSTRACT

Children's literature presupposes an aiming to a specific reader, the child reader. In the text, narrativity marks show that aiming. An example of the dialogue proposed to the reader in the narrator's voice in *O Mistério do Coelho Pensante*, de Clarice Lispector.



PALAVRAS-CHAVE

Literatura infantil; leitor criança;
leitor modelo; Clarice Lispector



KEY WORDS

Children's literature; Child
reader; Clarice Lispector

A narradora de **O Mistério do Coelho Pensante** conta a história de um coelho branco de estimação que, um dia, tem uma grande idéia: a de fugir da casinhola, onde é mantido preso por seus donos. Fantasticamente, consegue realizar esse plano, apesar de ninguém, nem mesmo a narradora, saber como ele o consegue, já que é grande demais para passar por entre as grades e forte de menos para levantar o tampo de ferro.

O leitor desse mistério é representado, no texto, pela figura do filho de Clarice, Paulo. Já no prefácio assinado por ela, a autora indica que se trata de uma narrativa escrita a pedido dele: “Esta história só serve para criança que simpatiza com coelho. Foi escrita a pedido-ordem de Paulo, quando ele era menor e ainda não tinha descoberto simpatias mais fortes”. Diante dessas afirmativas, o leitor é convidado, implicitamente, a abraçar um papel: o da criança que ouve ou lê uma história escrita por um adulto querido (a mãe, no caso de Paulo). Mais adiante, ainda no prefácio, a autora indica possíveis contadores e, mais do que isso, colaboradores da história: “Como a história foi escrita para exclusivo uso doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais, mães, tios e tias, e avós, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar”.



Em seguida, as primeiras palavras da narrativa reforçam a figura do leitor-criança: “Pois olhe, Paulo, você não pode imaginar o que aconteceu com aquele coelho”. A narradora dirige-se a ele com intimidade, pois escreve como se escrevesse a um filho, e o convida a ouvir/ler um fato inimaginável ocorrido a um coelho. A personagem-animal pode ser considerada, como um elemento de atração para a criança – desde as fábulas, os animais, muitas vezes humanizados, são presenças constantes na literatura infantil. Por meio desse tipo de personagem, podem-se abordar sentimentos humanos de maneira lúdica, que mais facilmente se aproxima da percepção de mundo da criança.

A maneira com que a narradora rapidamente confere ao leitor um determinado papel pode ser examinada sob o olhar de Eco (1994), que, na obra **Seis passeios pelos bosques da ficção**, lembra que a literatura infantil e, em especial os contos de fada, pressupõem a existência de um leitor específico, um “leitor-modelo”:

Esse tipo de espectador (ou de leitor, no caso de um livro) é o que eu chamo de leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. Um texto que começa com “Era uma vez” envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável (ECO, 1994, p. 15).

No caso de MCP, esse leitor-modelo pode ser tanto uma mãe, um pai ou uma avó que lê a história para uma criança – portanto, alguém disposto a “aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável” para agradar a uma ou mais crianças –, tanto a própria criança que se identifica com o papel de ouvinte de Paulo. É como se a narradora soubesse que ou é substituída por um adulto que também queira fazer suspense com a história do coelho – como ele sai da casinhola? –, ou será lida de fato por uma criança. Neste segundo caso, ela tem de seduzi-la, manter sua atenção no texto e não deixar de sustentar a relação de diálogo que é decidida logo na primeira frase.

A narradora dirige-se a um “você” durante toda a narrativa. Como

se previsse pensamentos da criança, usa expressões como: “Se você pensa que ele falava...” e “Se pensa que era diferente dos outros coelhos...” (segundo parágrafo); “Desconfio que você não sabe bem o quer dizer natureza de coelho” (nono parágrafo); “Como eu ia contando...” (décimo terceiro parágrafo); “Por falar nisso, quero lembrar você que...” (trigésimo parágrafo); além do “pois olhe”, usado algumas vezes ao longo do texto, e dos vocativos com Paulo e Paulinho, como em “Você acha, Paulo, que os donos de Joãozinho zangavam com ele?” (trigésimo segundo parágrafo).

Essas expressões funcionam como espécies de marcação do texto, lembrando a toda hora que se trata de um adulto contando uma história a uma criança. Não uma criança qualquer, mas sim uma criança pensante, como o coelho do título. Quando conta que a grande idéia do coelho Joãozinho tinha sido fugir da casinhola, a narradora diz, no décimo quarto parágrafo: “Você talvez esteja decepcionado, Paulinho. Você talvez esperasse outro tipo de idéia, você que tem tantas”. Outro exemplo disso é que, antes de contar algo, a narradora geralmente lança uma pergunta investigadora, como que para simular a presença de uma criança curiosa (trigésimo terceiro parágrafo): “Que é que você acha que Joãozinho fazia quando fugia?”.

Todavia, embora o texto preveja um leitor-modelo e, ao mesmo tempo, o construa, pouco a pouco, a cada marcação, não são apenas as marcações que indiciam a presença de um leitor-criança pensante. O enredo de MCP possui um ponto central, que é o desconhecimento (por parte da narradora, das personagens donas do coelho e, segundo a narradora, também do leitor) de como o coelho sai da casinhola, já que esta tem grades juntas e um pesado tampo de ferro. Este é o mistério indicado no título e que diferencia essa narrativa de outras narrativas fantásticas infantis, baseadas em acontecimentos possivelmente sobrenaturais. Não se sabe se é por um meio sobrenatural que o coelho foge – pode ser que sim, pode ser que não, dependendo de como o leitor-criança lide com o mistério. Diz a narradora:

Paulinho, essa é uma verdadeira história de mistério. É uma história tão misteriosa que até hoje não encontrei uma

só criança que me desse uma resposta boa. É verdade que nem eu, que estou contando a história, conheço a resposta. O que posso lhe garantir é que não estou mentindo: Joãozinho fugia mesmo.

Dessa maneira, Clarice transgride o modo didático de contar histórias a crianças ao criar uma narradora que não tem total controle sobre os fatos que relata. A voz do texto convida a criança a pensar sobre o mistério da história. Ao dividir com o leitor-criança sua exasperação diante do mistério que narra, a narradora rompe a noção de que o adulto tudo sabe e de que, para saber algo, a criança tem de necessariamente perguntar a um adulto. Algumas vezes, o adulto pode não ter uma resposta melhor para dar do que a própria criança, como é o caso em MCP.

Além disso, embora se dirija ao leitor infantil, Clarice não recria o mundo maravilhoso dos contos de fadas, nem mesmo usa animais falantes, como nas tradicionais fábulas. Joãozinho é um coelho comum, como esclarece a narradora logo no início do texto: “Se você pensa que ele falava, está enganado. Nunca disse uma só palavra na vida. Se pensa que era diferente dos outros coelhos, está enganado”. O que ele tem de fantástico é uma idéia, a de sair da casinhola, e essa idéia é que define o mistério.

Na enunciação, pode-se entender esse mistério como um vazio do texto clariceano. Toda a narrativa é construída em torno de um fato que não é revelado, ou seja, o mistério do título, ao contrário do que se poderia pensar, não é solucionado. Deixa-se ao leitor, portanto, a tarefa de pensar a respeito ou simplesmente aceitar que não há uma resposta. Escreve Iser sobre “lugares vazios” em um texto:

Os lugares vazios regulam a formação de representações do leitor, atividade agora empregada sob as condições estabelecidas pelo texto. Mas existe um outro lugar sistêmico onde texto e leitor convergem; tal lugar é marcado por diversos tipos de negação, que surgem no decorrer da leitura. Os lugares vazios e as potências de negação dirigem de maneiras diferentes o processo de comunicação; mas precisamente por isso eles agem juntos como instâncias

controladoras. Os lugares vazios omitem as relações entre as perspectivas de apresentação do texto, assim incorporando o leitor ao texto para que ele mesmo coordene as perspectivas (ISER, 1996, p. 107).

Considerando essa fala de Iser, é no vazio de MCP, naquilo que a narradora não revela, que o leitor se faz mais presente. Se quiser preencher o vazio, cada leitor-criança e cada contador adulto concluirá por si mesmo como o coelho foge. Há saídas sobrenaturais (o tele-transporte, por exemplo, caso Joãzinho seja um coelho mágico) e uma possível saída natural, que faz referência direta ao universo infantil: o coelho pode sair da casinhola pela imaginação. Ou seja, sair sem nunca sair. E, mesmo que o leitor-criança não cogite formalmente essa possibilidade, é a sua imaginação também que está sendo estimulada quando ele é colocado diante desse vazio, diante do não saber da narradora.

A grande potência de negação de MCP, por sua vez, é estabelecida na ponte entre o título e o momento em que a narradora revela que não sabe resolver o mistério, embora já tenha tentado bastante. A espera por uma resposta é frustrada, mas, com isso, o papel do leitor aumenta e é valorizado. Até o leitor pode saber mais do que a narradora, caso solucione o mistério. Se houvesse uma resposta ao final da narrativa, esta perderia muito de sua força, pois fecharia um campo de possibilidades para o leitor. Estaria tudo lá, descrito e acabado. O vazio, portanto, abre o texto e o enriquece. Como escreve, ainda, Iser (1996, p. 157-158):

O lugar vazio permite então que o leitor participe da realidade dos acontecimentos do texto. Participar não significa, em vista dessa estrutura, que o leitor incorpore as posições manifestas do texto, mas sim que haja sobre elas. Tais operações são controladas na medida em que restringem a atividade do leitor à coordenação, à perspectivização e à interpretação dos pontos de vista. [...] O lugar vazio imprime dinâmica à estrutura por marcar determinadas lacunas que apenas podem ser fechadas pela estruturação levada a cabo pelo leitor. É neste processo que a estrutura ganha sua função.

Consciente do questionamento que está deixando em aberto, a narradora de MCP instiga o ouvinte ou leitor-criança a continuar sua busca de uma resposta, como que lhe passando, assim, a tarefa à qual ela mesma já se dedicou demais. Ao final da narrativa, a narradora entrega o texto ao leitor:

Se você quiser adivinhar o mistério, Paulinho, experimente você mesmo franzir o nariz para ver se dá certo. É capaz de você descobrir a solução, porque menino e menina entendem mais de coelho do que pai e mãe. Quando você descobrir, você me conta. Eu é que não vou mais franzir meu nariz, porque já estou cansada, meu bem, de só comer cenoura.

A linguagem lúdica a aproxima da criança, que, se abraçar de fato a função de leitor-modelo prevista pelo texto, pode se sentir realmente estimulada a desvendar o mistério. Sua situação de criança – a criança, segundo a narradora, entende mais de coelho do que os adultos – é, então, valorizada e afirmada.



REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: 34, 1996. 2 v.

LISPECTOR, Clarice. **O mistério do coelho pensante**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

A autora é mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC/SP.